

CAMINHO CONTEMPLATIVO DE SÃO FRANCISCO – Maio 2012

Nilton Curvêlo



Introdução.

O “Caminho Contemplativo de São Francisco” ou “Caminho Franciscano da Paz”, é uma peregrinação religiosa, seguindo os passos de Francisco, que se inicia, em princípio, no Monte La Verna e termina em Poggio Bustone, totalizando 370 quilômetros.

É uma caminhada realizada em grupo e conduzida por um guia; também, pode ser feita sozinho, neste caso com grande possibilidade de se perder ou não visitar todos os santuários franciscanos e lugares importantes na vida do santo. Há um livro: “Di qui passo Francesco” de Ângela Seracchioli – editora Terre – idioma italiano e o site: www.caminhofranciscanodapaz.org que oferecem as informações desejadas.

O Caminho.

Em sua maior parte segue por altas montanhas, por trilhas estreitas, irregulares, por vezes em penhascos, estradas de terra cravejada de pedras, em florestas, sombreadas por árvores frondosas com seu verde exuberante alternando com bosques floridos, em contato íntimo com a natureza. É solitário, tendo por companhia o silêncio e o canto dos pássaros, com destaque para o cuco. O grau de dificuldade é médio e alto.

A Expectativa

Seguir os passos de Francisco e compreender o Homem e o Santo em profundidade e colher os bons frutos da caminhada. Para atingir a conversão, Francisco fez de sua vida uma imitação de Cristo, vivendo em completa pobreza, alimentado pela penitência e a oração.

“Francisco portava enraizado no coração a Cruz de Cristo”.

O Relato

A conversão de Francisco começou na Praça de Santa Maria Maggiore, em Assis, quando esteve diante do julgamento do Bispo Guido, no processo aberto pelo seu pai Pedro Bernardone contra ele, acusando-o de furto, desonra e pedindo a reparação e a compensação. Era às nove horas de uma manhã fria e ventosa do início do mês de março de 1206 – hora marcada para as demandas a serem julgadas pelo bispo. No meio da multidão estava sua mãe Maria Picallina, que permaneceu afastada enquanto Pedro avançou solenemente, respeitável e altivo, nobremente vestido.

Ao som de um sino, o bispo Guido, de temperamento violento e comportamento imperial, apareceu no topo da grande escadaria da Igreja. Com a mitra de seda na cabeça, vestindo um manto de veludo azul preso com feches de ouro, rodeado de cônegos e acólitos, mais o fiscal público e tabeliães.

Ali ocorreu uma das cenas mais famosas da história religiosa, contada, escrita e representada desde o século XIII até os dias atuais.

Quando interpelado diante da multidão, Francisco entrou por uma porta da Igreja e ato contínuo retornou por uma porta lateral, trazendo nas mãos suas roupas elegantes, encimada por uma bolsa de dinheiro, completamente nu. Francisco voltou-se para a multidão e disse: “Ouçam todos e compreendam. Até hoje chamei Pedro Bernardone de meu pai. Mas, como me proponho agora a servir a Deus, restituo a ele o dinheiro que lhe causou tanta preocupação, e também as roupas que são dele, e apenas quero de hoje em diante dizer: Pai Nosso, que estais no céu, e não meu pai, Pedro Bernardone.” E não houve mais necessidade de julgamento formal.

O bispo Guido não contava com o desfecho desse litígio, ficando deveras surpreso e preocupado. A peleja familiar, de fácil solução por sua mão de ferro, passou agora, com a atitude de Francisco, a ser um processo religioso e colocava Francisco sob a proteção da Igreja.

O processo de conversão de Francisco começou nesse momento e foi uma árdua tarefa de toda uma vida, que terminou nos estigmas em La Verna.

Converter-se é embarcar em um processo: em termos religiosos, implica uma decisão de comprometer com Deus a íntegra da vida.

E assim começa o caminho espiritual de Francisco, que acompanhamos a pé.

Tudo isso aconteceu porque no verão de 1205, quando Francisco regressava para casa, cansado de caminhar durante horas sob um sol forte, entrou no fresco refúgio da igrejinha de São Damião, cerca de mil e quinhentos metros das muralhas de Assis, ao pé da colina. Sentou-se sozinho do lado de dentro e a edificação parecia preste a ruir de velhice e abandono. Estava desesperançado e incapaz de visualizar um futuro brilhante, além de desiludido por não ter alcançado o título de cavaleiro, que tanto desejava. Sobre o altar abandonado, um crucifixo, pintado sobre uma tela de linho estendida em uma moldura de madeira de nogueira lhe impressionou os sentidos. Na quietude da pequena igreja, Francisco ouviu uma voz Divina vindo do crucifixo: “*Francesco, vá, ripara la mia casa che, come vedi, è tutta in rovina*” - Francisco, vai, repara a minha casa que como vês, está toda em ruína.

Francisco interpretou essa experiência mística ao pé da letra e iniciou a restauração da igreja, tendo agora um objetivo concreto para sua vida. Francisco era filho de um rico comerciante e para realizar seu objetivo, correu em casa, tirou da loja algumas peças de tecido, montou em seu cavalo e dirigiu-se à cidade próxima de Foligno, onde vendeu o pano, o cavalo e até mesmo as belas roupas que vestia, entregando o dinheiro a um padre para a recuperação da igreja. Conhecendo a fama de Pedro

Bernardone e a vida pregressa de Francisco, o sacerdote guardou o dinheiro. Francisco era gastador inveterado, esbravejava em festas, banquetes e noitadas. Seus pais, por serem ricos toleravam essas coisas, daí o padre não acreditar nele.

Pedro enraivecido castigou seu filho e deixou-o em prisão domiciliar, em depósito fechado com pouco ar e sem luz. Após várias semanas, sua mãe aproveitando uma viagem do marido soltou o filho que continuava irredutível, insistindo em dizer que Deus esperava dele a restauração da igreja. Nessa altura Pedro retornara de viagem e ficou sabendo que o filho saía de casa e não tinha como restituir o dinheiro, que oficialmente pertencia à Igreja. Os magistrados da cidade não tinham jurisdição legal para obrigar a devolução do dinheiro, então apelou para uma queixa crime contra Francisco, esperando que o bispo mandasse devolver a quantia.

1206 a 1208

A descrição de Francisco feita por Celano, contemporâneo dele, era de que ele atingiu a estatura adulta de um metro e sessenta centímetros, tinha o rosto delgado e olhos negros e límpidos, cabelos negros e barba escura e rala.

O bispo Guido deu a Francisco uma velha túnica de eremita e o aconselhou a partir em peregrinação a Roma, o que ele fez naquela primavera de 1206. A basílica de São Pedro, construída sobre o local onde o santo fora enterrado, não era a grandiosa estrutura atual, iniciada em 1506. Ali orou na igreja do século IV que tinha um amplo átrio na entrada e deu a um grupo de mendigos o que restava de uma pequena bolsa que Guido providenciara. Nessa época sua saúde já era frágil e sofria surtos recorrentes de malária.

Regressando de Roma lentamente, a pé, encontrou na zona rural uma colônia de leprosos, comum naquela época, fato esse de conhecimento de Francisco em suas viagens com o pai. Todos se distanciavam dos leprosos, pois a afecção era considerada contagiosa e citada como exemplo de deformidade do pecado. Desta vez, porém seu encontro foi muito diferente. Aproximou-se do grupo e sem dinheiro para oferecer nem alimentos para partilhar, Francisco ajoelhou-se e deu o que podia dar: um abraço no leproso e algumas palavras de conforto. Esse gesto expressivo de caridade o transformou, pois ao chegar à Úmbria começou também a cuidar de leprosos, conseguindo comida e também os levando ao regato para lavar suas feridas.

Além da igreja de São Damião onde iniciou a sua restauração, voltou sua atenção para outras igrejas abandonadas: a de São Pedro della

Spina e a capela de Santa Maria della Porziuncula, esta cerca de três quilômetros de Assis.

Francisco nunca perdia seu senso de humor. Certa vez seu meio-irmão Ângelo passando diante de Francisco que trabalhava em São Damião falou em voz alta, com sarcasmo, ao amigo: “Peça a Francisco que lhe venda um tostão de seu suor”. Ao que Francisco respondeu com brandura: “Oh! Vou vender esse suor ao Senhor por um bom preço”

Nessa época ele se vestia com uma túnica feita de saco, sandálias de couro, um cinturão e um cajado para caminhar, como leigo, para ficar sob a proteção da Igreja, como era o costume na Idade Média. Posteriormente acrescentou a vestimenta de eremita, nas costas a letra T, a letra Tau, escrita com um pedaço de calcário (giz) que simbolizava os patriarcas e profetas ou um sinal da Crucificação de Jesus. Francisco não só adotou esse sinal como fez dele seu próprio emblema e assinatura, mas também rezava frequentemente ajoelhado ou deitado com os braços abertos imitando o Crucificado.

Foi ainda na Igreja de São Damião, após ouvir o evangelho que contém as instruções para a atividade missionária dos discípulos, e o trecho impressionou Francisco: “Ide e pregai as palavras: aproxima-se o reino dos céus. Não leveis nem ouro nem prata, nem cobre no cinto, nem sacola para o caminho nem duas túnicas, nem calçados nem bastão, porque o operário é digno de seu sustento (Mateus 10, 5-33). Meditando sobre essa interpretação, Francisco disse: “Isso é o que busco, isso é o que desejo de todo coração”. Para obedecer literalmente à instrução evangélica, Francisco removeu seu calçado improvisado, pôs de lado seu cajado, trocou o cinto por um pedaço de corda e caminhou descalço pelas planícies, montanhas e vales chamando as pessoas para voltarem seus corações a Deus e cuidava dos pobres e leprosos. Francisco viveu a mensagem do Evangelho de modo a consolidar a palavra AMOR, fazendo-a sair da teoria e avançar para a prática do dia-a-dia. Suas palavras não eram vazias porque eram seguidas do exemplo e a sua simplicidade, uma reprovação explícita ao luxo e ao privilégio eclesiástico e a sinceridade de seus propósitos, atraindo seguidores.

Assim surgiu Bernardo Quintavalle, moço de uma família rica de Assis e Pedro Catanio que se juntou a ele na Igreja de São Nicolau, sendo os primeiros. Uma semana depois Giles, tornou-se o quarto elemento do grupo. Ao final de um ano Francisco contava com 12 fiéis companheiros.

Os penitentes de Assis, como eram chamados, terminaram os reparos de Santa Maria e passaram à pregação itinerante, a cuidar dos leprosos e as tardes à oração. A saudação que Francisco usava: “Que o Senhor lhe dê a Paz!” era seguida por todos. No verão de 1208 viajaram para o nordeste, à região da Marca, fronteira com o Adriático aconselhando: “Amai e temei a Deus, reformai vossas vidas”. E no

outono ele levou o grupo para o vale do Riete e Poggio Bustone onde ergueram pequenas cabanas e um lugar de oração. Muita gente na região se impressionou, sentindo os corações tocados pelos atos simples de caridade aos quais esse grupo de homens se dedicava.

1209

Na primavera de 1209 ia ficando cada vez mais evidente a Francisco e seus companheiros a necessidade de algum tipo de consentimento do Papa para o seu empreendimento. O bispo Guido reconhecendo a autenticidade e devoção de Francisco, estimulou-o e seus companheiros para se apresentarem em Roma afim de que não fossem acusados de heresia, fato tão popular nas comunidades.

Deste modo, Francisco aceitou o conselho de Guido e foi a Roma procurar aprovação para sua fraternidade. Graças a influência do bispo na corte papal, Francisco foi recebido em audiência pelo grande e temível papa Inocêncio III.

Após várias confabulações entre cardeais, o diálogo do papa com Francisco e ida e volta com a mesma petição, o papa deu permissão ao grupo para pregar em qualquer lugar, porém sem nada deixar escrito, era apenas uma autorização verbal. Mas, para assegurar a promessa de obediência a Roma, aquela dúzia de homens foi submetida à tonsura – primeiro passo para a vida sacerdotal, como irmãos menores, o grau mais baixo na escala eclesiástica. Durante várias semanas Francisco e seus companheiros perambularam por Roma, fazendo seus sermões espontâneos: “Fazei penitência” – “Mudai vossas vidas, fazendo boas obras, pois em breve morreremos” – “Daí ao próximo e receberéis.” – “Perdoais e sereis perdoados. E se não perdoardes aos demais seus pecados, o Senhor não vos perdoará os vossos.”

No regresso a Assis, Francisco parou na estrada entre Bevagna e Cannara, pouco menos de dez quilômetros ao sul de Assis. Aborrecido com a indiferença de muita gente e decepcionado com o aparente fracasso de seus esforços, anunciou que provavelmente seria ouvido com mais respeito pelos pássaros – e isso foi exatamente o que aconteceu:

Havia uma grande multidão de pássaros reunidos, inclusive pombos, corvos e outros geralmente chamados gralhas. Quando Francisco os viu, correu em direção a eles, deixando seus companheiros na estrada. Quando já estava bem perto, vendo que o esperavam, saudou-os da maneira habitual “Que o Senhor vos dê a Paz”. Surpreendeu-se muito, porque os pássaros não voaram, como costuma fazer. Cheio de alegria, pediu humildemente que ouvissem a palavra de Deus:

“Meus irmãos pássaros, vocês devem louvar seu Criador e amá-lo sempre. Ele lhes deu penas para vestir, asas para voar e tudo o que necessitam. Deus os fez nobres entre Suas criaturas e lhes deu um lar na pureza do ar, e assim embora vocês não plantem nem colham, Ele mesmo assim os protege e cuida, sem que vocês tenham a menor preocupação.” Depois os abençoou, e tendo feito o sinal-da-cruz, deu-lhes permissão para que voassem a outro lugar...

Esse é um dos acontecimentos mais antigo de sua vida e representado em pinturas, revelando um aspecto importante da vida de Francisco. Outros contatos com pássaros e animais selvagens são relatados: amansando um lodo assassino e transformando-o em um animal doméstico em Gubbio.

No outono de 1209, Francisco e seus companheiros estavam de volta aos arredores de Assis. Como Santa Maria se tornava muito úmida e fria, foram para uma cabana abandonada, a cerca de dois quilômetros da cidade, junto a um riacho estreito e sinuoso, chamado Rivotorto, próximo a um hospital de leprosos de San Lazzaro. Francisco brincou: “Bem, é mais fácil chegar ao céu vindo de uma choupana do que de um palácio”.

Assim durante o dia trabalhava com os camponeses nas culturas, cuidavam dos leprosos e no fim da tarde iam a Assis a fim de pregar nas praças e na volta passavam horas rezando; nas manhãs de domingos estavam na Igreja de São Rufino.

Francisco gostava de lá, principalmente porque subindo o riacho podia chegar a umas cavernas no Monte Subasio, onde encontrava a solidão para as suas preces. Francisco fazia questão de que todos jejuassem as quartas e sextas-feiras, e que os alimentos fossem distribuídos em pequenas quantidades nos outros dias. Para ele, jejuar era tão essencial quanto rezar, e não fazia concessões a respeito.

1211

A partir de 1211 a comunidade se instalou na “Portiuncula”, ou porçãozinha de terra, cedida a Francisco pelos eremitas do Monte Subasio, ela ficava numa floresta e consistia de uma capela e uma cabana. As refeições eram feitas no chão e o telhado era de barro e folhas.

O relacionamento dentro da fraternidade era de solidariedade, respeito, confiança e descontração. Várias histórias aconteceram como a de João, o simples, um camponês que foi ao encontro de Francisco, trazendo um boi de sua propriedade, dizendo: “Vamos dar isto aos pobres!” Naquela tarde, os pais e os irmãos do jovem rapaz correram a Francisco em lágrimas, mais tristes por perder o boi do que o jovem.

“Calma”, disse Francisco á histérica família. “Pronto, devolverei o boi e ficarei somente com o irmão.”

Masseo, homem alto, bonito, pregador de primeira e vaidosa; certo dia aproximou-se de Francisco e indagou: “Por que você?” “O mundo inteiro parece estar correndo atrás de você.” “Todos querem ver você, ouvir você e até mesmo juntar-se a você. Por quê?” Sem um traço de aborrecimento, Francisco respondeu: “Quer saber por que eu, e é bom que saiba. É porque Deus não poderia ter escolhido ninguém menos qualificado, e mais pecador do que eu – pois Deus sempre escolhe os mais fracos, os que não vale nada.” A conversão de Masseo começou naquele dia.

Ângelo Tarlati, outro irmão de natureza imperiosa, era antigo cavaleiro. Certo dia, um trio de ladrões veio a Santa Maria e somente Ângelo estava naquela tarde. Impaciente com as exigências de comida dos malfeitores, surpreendeu-os com atitude violenta: “Assassinos como vocês! Não se satisfazem em roubar gente honesta e agora ainda querem levar o pouco que pertence aos servos de Deus? Saiam daqui e não apareçam novamente diante de mim!”

Quando Francisco voltou, Ângelo lhe contou orgulhosamente o que fizera. “Agistes como um homem que não tem religião”, respondeu Francisco, e juntando um pouco de pão e do vinho que recebera em pagamento de seu trabalho daquele dia, entregou-os a Ângelo, dizendo que fosse levá-los aos ladrões. “Serve a esses infelizes com humildade e bom humor até que estejam satisfeitos. Depois e somente depois lhes diga que parem de matar e roubar.” Os ladrões não somente se converteram, e terminaram por juntar-se à fraternidade.

Com tantas responsabilidades e com tal grupo de personalidades fortes em torno de si, Francisco precisava de vez em quando de períodos de absoluta tranqüilidade e solidão.

Por essa época em Assis, na Praça San Rufino, uma moça de 18 anos, de nome Clara, que ouvia Francisco pregar quis não somente conhece-lo, mas também entrar para o grupo de penitentes. Um dos frades já lhe disse que isso seria impossível, pois além de excluir as mulheres de sua fraternidade, Francisco evitava sua companhia sempre que possível, pois tinha conhecimento de sua vulnerabilidade.

1212

Clara Offreduccio, nascida em 1193, era a primogênita de três irmãs e dois irmãos nobres de Assis. A família Offreduccio quando retornou a Assis, em 1205, após um período refugiada na Perugia, durante a revolta dos *minores* contra os nobres, o pai de Clara morreu pouco tempo depois, e ela ficou sob a proteção dos tios. No início de 1212 Clara já

contava 18 anos e sua castidade era embaraçosa, pois os casamentos seguros eram realizados entre 12 e 13 anos, assim exigia o costume da época; além do mais, suas irmãs mais jovens Caterina e Beatrice só poderiam casar-se depois dela. Ela recusava os pretendentes e desenvolveu uma vida intensa de orações, dedicação a Deus, ajuda aos pobres e enviando dinheiro e comida aos frades na igreja de Santa Maria.

Em data não precisa, Francisco encontrou-se com Clara – sempre na presença dos frades ou das irmãs. Francisco aprovou seu desejo de sacrificar sua vida, porém, que realizasse sua vocação segundo a tradição da Igreja, como freira em um convento. E, na noite de 18 de março, Domingo de Ramos, ela deixou o lar da família e correu a Santa Maria. Naquela mesma noite, Francisco cortou-lhe os cabelos, conferindo-lhe assim a tonsura e a concomitante proteção da Igreja. Depois lhe cobriu a cabeça com um véu, vestiu-a com uma túnica de saco amarrada com uma corda. Os frades a escoltaram a um grupo de freiras beneditinas, que concordaram em acolhê-la em seu convento de São Paulo em Bastia, a três quilômetros a Oeste de Assis.

Clara por sua própria decisão, levou uma vida rigorosa em todos os aspectos. Sua irmã Caterina, diversas amigas e até mesmo sua mãe, juntaram-se mais tarde a ela, no que se tornou o primeiro convento franciscano. Ela ficou reclusa em São Damiano durante os 41 anos seguintes, sobrevivendo de trabalhos manuais e doações. Esse Convento das Senhoras Pobres, como ficou chamado, espalhou-se pela Itália e várias partes do mundo como Clarissas.

1213.

O conde Orlando que tinha ouvido falar de Francisco, lhe disse: “Irmão Francisco, possui uma montanha abandonada e solitária na Toscana, chamada Monte La Verna. Se a montanha agrada a ti e teus companheiros, eu faria dela um donativo pela salvação de minha alma”. Francisco respondeu que aceitava com muito prazer o caridoso oferecimento.

Frustrado com o fracasso em acompanhar os pobres na Cruzada à Terra Santa, planejou uma viagem à Espanha, para dali fazer de barco a travessia até Marrocos. Francisco e Bernardo deixaram Assis e tomaram a estrada tradicional dos peregrinos de Florença a Pisa, depois o Norte até Lion, atravessando os Pirineus e a Oeste em direção ao venerável lugar de devoção em Santiago de Compostela. Francisco fez a longa jornada, de quase dois meses, até a Espanha, descalço, pois ainda não se permitia o luxo das sandálias, dependendo da caridade alheia e ao

abrigo da natureza. Sua passagem por terras espanholas deixou marcas no caminho.

Em Compostela adoeceu com a recorrência da malária e mais dores gástricas, que parece ter sido uma úlcera. Era o mês de setembro e contava 31 anos de idade, quando foi obrigado abandonar seus planos de viagem para Marrocos e regressar a Assis. Durante os quatro anos seguintes, sofreu de doenças que o obrigou a reduzir suas atividades. Por outro lado nesses anos difíceis e debilitantes foram marcados por uma profunda devoção de Francisco á Jesus Crucificado.

1219.

Durante o mês de maio de 1219, três mil frades se congregaram nos campos e florestas próximos a Santa Maria para uma reunião geral. Francisco anunciou sua intenção de partir para o Egito e a Terra Santa. Sua missão não teve êxito, quando viu que não progredia na conversão daquele povo, e regressou. Na viagem de volta, que levou várias semanas, sua malária voltou e a dor no lado do fígado. Além disso sofreu uma nova doença e assustadora, pois sua visão ficou gravemente comprometida, com fortes dores e infecção, o diagnóstico mais provável: tracoma.

1223.

Em dezembro de 1223, Francisco foi a um lugar de retiro perto de Greccio, pedindo ajuda a um devoto nobre da cidade, preparou um memorável dia de Natal. Fez de Greccio uma nova Belém, montando o primeiro presépio humano do mundo e com animais.

1224.

Francisco voltou à Úmbria e concordou seguir para o Monte La Verna e expressou o desejo de fazer outro retiro, de 40 dias, com quatro de seus mais fiéis companheiros: Leo, Ângelo, Rufino e Maseo. La Verna se ergue a 1400m de altitude no meio dos Apeninos. Agora Francisco tinha de manter a cabeça coberta com um capuz, porque tanto a luz do dia quanto o fogo à noite lhe eram intoleráveis. Além disso tinha feridas e úlceras espalhadas por todo o corpo, que ele sempre procurava ocultá-las.

1225.

Na primavera de 1225, Francisco já praticamente cego foi levado ao retiro em Fonte Colombo, local que fica próximo de Rieti, onde haviam encontrado um médico renomado para tratamento de doenças dos olhos. Esse procedimento inútil resultava em queimar os dois lados da cabeça e as veias das têmporas seriam abertas para que a cegueira fosse drenada.

Enquanto os ferros se avermelhavam ao fogo, Francisco espantou a todos dizendo: “Meu irmão fogo! És nobre e útil entre todas as criaturas do Altíssimo. Sê bondoso comigo nessa hora. Rogo a nosso Criador que te fez, para que tempere teu calor a fim de que eu possa suportar”. Em seguida fez o sinal-da-cruz sobre o fogo.

1226.

No início desse ano, seu quadro se agravou pela malária, a anemia e vômitos de sangue. Ficava evidente para todos que a morte de Francisco estava próxima e ele quis ser transportado de volta a Santa Maria. O seu corpo abria-se todo em chagas e tinha de ser levado com muito cuidado. Para tanto, fizeram uma maca de madeira, forrada de capim, de modo que se pudesse oferecer mais conforto. Sua lucidez era impressionante, de nada se esquecia e respondia a tudo que se lhe perguntasse com precisão e acerto. No caminho, pediu aos amigos que parassem e depositassem a maca no chão. Erguendo-se ligeiramente, voltou-se e abençoou a sua cidade natal - Assis.

Aos 44 anos, Francisco parecia muito mais velho, seu corpo franzino encolhido e descarnado, o rosto incolor, os olhos cegos cobertos com ataduras porque a luz que ele tanto amava era dolorosa.

Na manhã de sábado, 3 de outubro de 1226, Francisco disse aos que o cuidava: “Quando virdes que cheguei ao fim, coloque-me nu no chão, e deixai-me ali pelo tempo necessário para minha última caminhada”.

“Muitos pássaros, chamados cotovias, esvoaçaram por sobre o teto da cabana onde ele jazia, fazendo círculos e cantando”.

A mensagem divina ouvida por Francisco, há mais de oitocentos anos: “Vai repara a minha casa”, continua atual. A primeira casa a reparar é a nossa vida, casa do Deus Vivo, templo do Espírito Santo.

É indubitável que essa fosse a questão para Francisco e para a humanidade, restaurar a pessoa.

FIM

Bibliografia

- PS – 1) Fonte de consulta: Francisco de Assis – O Santo Relutante.
Autor: Donald Spoto. Ed. Objetiva – 2003.
2) Os locais sublinhados, entre outros, fazem parte da caminhada.

ROTEIRO DA CAMINHADA

- > Monte La Verna / Perúgia:
 - = Santuário Franciscano Della Verna
 - = Monastério La Verna
 - = Capela sobre o local onde Francisco recebeu os ESTIGMAS
 - = Precipício – local da tentação de Francisco.
 - = Sacro Speco – local onde Francisco se recolhia para orar e dormir.
 - = Hospedagem no Monastério La Verna

- > Monte Della Verna a Pieve S. Stefano (1º. dia – 15 km)
 - = Monte Calvano – 1.254 m
 - = S. Stefano (Santo Estevão) – Citta Del Diario –Arquivo Nacional
 - = Igreja de S. Stefano
 - = Hospedagem Il Castellare

- > Pieve S. Stefano a Passo di Viamaggio (2º. dia – 11 km)
 - = Hospedagem – jantar excelente

- > Passo di Viamaggio a Sansepolcro (3º. dia – 21 km –Alto grau de dificuldade)
 - = Convento di Montecasale ; Cama de São Francisco, Cella de Santo Antonio
 - = Cella de São Bernardo.
 - = Hospedagem em hotel de Sansepolcro e jantar na Comunidade de Maria.

- > Sansepolcro a Citerna – Úmbria (4º. dia – 14 km)
 - = Vésperas no Monastério Beneditino
 - = Hospedagem Albergo Fiorentino

- > Citerna a Città di Castello (5º. dia – 17 km)
 - = Ermo de Descanso – onde descansou Francisco
 - = Véspera no Monastério das Beneditinas

- = Hospedagem Monastério
- > Città di Castello a Pietralunga (6°. dia - 25 km)
 - = Hospedagem IL Pioppo
- > Pietralunga a Gubbio (7°. dia – 20 km)
 - =Gubbio – Cidade Medieval, murada
 - Santo Ubaldo – corpo incorrupto
 - Festa do Ceri
 - Teleférico
 - Maior Árvore de Natal com luzes do mundo
 - Recebemos a “Patente da Matto” (Diploma de Louco)
 - Local onde Francisco domesticou o lobo selvagem
 - Hospedagem Casa S. Secondo
- > Gubbio a Eremo di San Pietro (8°. dia – 20 km)
 - = Monastério de San Pietro
 - = Eremita Padre Basílio
 - = Completo silêncio, hospedagem em quarto coletivo
 - = 20:30 -,As Completas- 06:30 A Missa
- > Ermo di San Pietro a Valfabbrica (9°. dia – 20 km)
 - = Maria S.S. de la Mela
 - = Hospedagem Ostello Francescano della Gioventu
- > Valfabbrica a Assisi (10°. dia – 13 km)
 - ASSISI : Basílica de São Francisco
 - Basilica Papale di Santa Maria degli Angelli in Porziuncola
 - Basilica de Santa Clara
 - Igreja e Monastério de São Damião:
 - Crucifixo de São Damião
 - Onde Francisco recebeu do Crucifixo a Voz Divina: “Vai Francisco restaura a minha Igreja...”
 - Local onde Santa Clara morreu.
 - Chiesa de San Giacomo (Igreja de Santiago)
 - Casa dos Pais de Francisco
 - Casa onde Clara passou sua juventude.
 - Santuário de Rivortorto – onde Francisco cura um leproso e a Igreja sobre a cabana onde ele dormia.

Hospedagem: Hotel Posta Panoramic

- > Assisi a Spello (11º. dia – 17 km)
 - Eremo di Carceri de S. Francesco – cama de S. Francisco
 - Subida ao Monte Subasio
 - Hospedagem – Suore Francescano – Irmã Clarissia
 - Spello – Splendidissima Colonia Iulia

- > Spello a Trevi (12º. dia – 19 km)
 - FOLIGNO – Città della Quintana
 - Beata Angela de Foligno
 - Trevi - hospedagem: Albergo Il Terziere

- > Trevi a Spoleto (13º. dia – 22 km)
 - S. Giacomo
 - Spoleto: - Monastério de São Ponciano / hospedagem
 - Basílica de São Gregório Magno com sua tumba e
 - Corpo incorrupto da Beata Cristina
 - Igreja São Ponciano – corpo incorrupto da beata Marina.
 - Visita ao Castelo e o Aqueduto Romano.
 - Missa em São Ponciano com a presença das Freiras Clarisse enclausuradas.

- > Spoleto a Romita dei Cesi (14º. dia – 20 km – Alto grau de dificuldade)
 - Romita – antigo Heremitério, sem luz e banheiro no campo
 - “Água Corrente...” Restaurado por um Franciscano.
 - Véspera à noite
 - Laude pela manhã
 - Alimentação preparada pelo Franciscano. Pe.Bernado.

- > Romita dei Cesi a Narni (15º. dia- 23 km)
 - SanGemini - - Dia de Corpus Christi
 - Missa na matriz – São Juvenal Padroeiro
 - Hospedagem Diverso Viaggiare

- > Narni a Stroncone (16º. dia – 26 km – Grande dificuldade)
 - Convento di San Francesco Strocone – lugar onde Francisco ficou enfermo - Sacro Speco, Cella e Oratório de S. Francesco

- Hospedagem Letizia Armonia

> Strocone a Contigliano (17º. dia – 22 km)

- Caminho de S. Benardino
- Greccio - Santuário Franciscano del Presépio
- Contigliano – Hospedagem Albergo Lê Vigne

> Contigliano a Rieti (18º. dia – 18 km)

- Santuario Franciscano Fonte Colombo: Lugar onde fez a Cauterização e Elaboração da 3ª. Regra da Ordem
- Riete – Hospedagem Centro Espiritual M. Cabrini

> Riete a Poggio Bustone (19º. dia -15 km)

- Santuário Franciscano de Santa Maria della Foresta – onde Francisco esteve doente em 1225 por 4 meses.
- Cantalice - Santuário de S. Felice da Cantalice – Casa natal e Igreja – foi o primeiro santo da Ordem Capuchinho.
- Poggio Bustone: Em 1208 e 1209 Francisco fez a primeira experiência de Vida Comunitária e enviou os primeiros irmãos em missão.